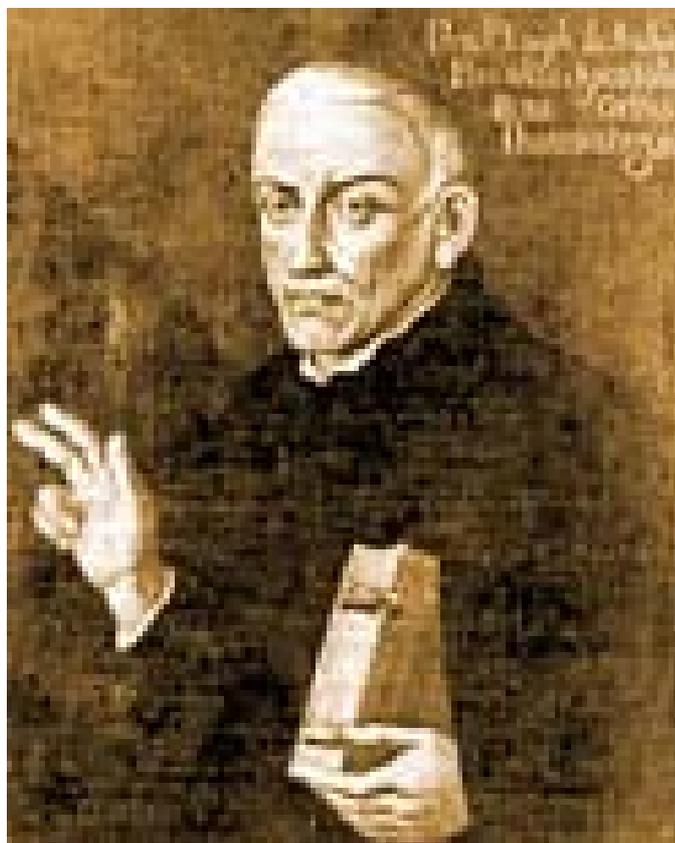
Biblioteca Virtualbooks

AUTO DE SÃO LOURENÇO

JOSÉ DE ANCHIETA

AUTO DE SÃO LOURENÇO

PERSONAGENS

GUAIXARÁ - rei dos diabos

AIMBIRÊ
SARAVAIA - criados de Guaixará

TATAURANA
URUBU
JAGUARUÇU - companheiros dos diabos

VALERIANO
DÉCIO - Imperadores romanos

SÃO SEBASTIÃO - padroeiro do Rio de Janeiro

SÃO LOURENÇO - padroeiro da aldeia de São Lourenço

VELHA

ANJO

TEMOR DE DEUS

AMOR DE DEUS

CATIVOS E ACOMPANHANTES

TEMA

Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbirê e Saravaia para ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião prende os demônios. Um anjo manda-os sufocarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê se aproxima. O calor que se desprende dele abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Temor de Deus, e o Amor de Deus aconselham a caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o enterro do santo. Meninos índios dançam.

PRIMEIRO ATO

(Cena do martírio de São Lourenço)
Cantam:

Por Jesus, meu salvador,
Que morre por meus pecados,
Nestas brasas morro assado
Com fogo do meu amor

Bom Jesus, quando te vejo
Na cruz, por mim flagelado,
Eu por ti vivo e queimado
Mil vezes morrer desejo

Pois teu sangue redentor
Lavou minha culpa humana,
Arda eu pois nesta chama
Com fogo do teu amor.

O fogo do forte amor,
Ah, meu Deus!, com que me amas
Mais me consome que as chamas
E brasas, com seu calor.

Pois teu amor, pelo meu
Tais prodígios consumou,

Que eu, nas brasas onde estou,
Morro de amor pelo teu.

SEGUNDO ATO

(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)

GUAIXARÁ

Esta virtude estrangeira
Me irrita sobremaneira.
Quem a teria trazido,
com seus hábitos polidos
estragando a terra inteira?

Só eu
permaneço nesta aldeia
como chefe guardião.
Minha lei é a inspiração
que lhe dou, daqui vou longe
visitar outro torrão.

Quem é forte como eu?
Como eu, conceituado?
Sou diabo bem assado.
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.

Meu sistema é o bem viver.
Que não seja constrangido
o prazer, nem abolido.
Quero as tabas acender
com meu fogo preferido

Boa medida é beber
cauim até vomitar.
Isto é jeito de gozar
a vida, e se recomenda
a quem queira aproveitar.

A moçada beberrona
trago bem conceituada.
Valente é quem se embriaga
e todo o cauim entorna,
e à luta então se consagra.

Quem bom costume é bailar!
Adornar-se, andar pintado,
tingir pernas, empenado
fumar e curandeirar,
andar de negro pintado.

Andar matando de fúria,
amancebar-se, comer
um ao outro, e ainda ser
espião, prender Tapuia,
desonesto a honra perder.

Para isso
com os índios convivi.
Vêm os tais padres agora
com regras fora de hora
prá que duvidem de mim.
Lei de Deus que não vigora.

Pois aqui
tem meu ajudante-mor,
diabo bem requeimado,
meu bom colaborador:
grande Aimberê, perversor
dos homens, regimentado.

(Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios. Depois de chorar, achando-se enganada, diz a velha)

VELHA

O diabo mal cheiroso,
teu mau cheiro me enfastia.
Se vivesse o meu esposo,
meu pobre Piracaê,
isso agora eu lhe diria.

Não prestas, és mau diabo.
Que bebas, não deixarei
do cauim que eu mastiguei.
Beberei tudo sozinha,
até cair beberei.
(a velha foge)

GUAIXARÁ

(Chama Aimberê e diz:)

Ei, por onde andavas tu?
Dormias noutro lugar?

AIMBIRÊ

Fui as Tabas vigiar,
nas serras de norte a sul
nosso povo visitar.

Ao me ver regozijaram,
bebemos dias inteiros.
Adornaram-se festeiros.
Me abraçaram , me hospedaram,
das leis de deus estrangeiros.

Enfim, confraternizamos.
Ao ver seu comportamento,
tranqüilizei-me. Ó portento!
Vícios de todos os ramos
tem seus corações por dentro.

GUAIXARÁ

Por isso
no teu grande reboliço
eu confio, que me baste
os novos que cativaste,
os que corrompeste ao vício.
Diz os nomes que agregaste.

AIMBIRÊ

Gente de maratuauã
no que eu disse acreditaram;
os das ilhas, nestas mãos
deram alma e coração;
mais os paraibiguaras.

É certo que algum perdi,
que os missionários levaram
a Mangueá. Me irritaram.
Raivo de ver os tupis
que do meu laço escaparam.

Depois
dos muitos que nos ficaram
os padres sonsos quiseram
com mentiras seduzir.
Não vê que os deixei seguir -
ao meu apelo atenderam.

GUAIXARÁ

De que recurso usaste
para que não nos fugissem?

AIMBIRÊ

Trouxe aos tapuias os trastes
das velhas que tu instruíste
em Mangueá. Que isto baste.

Que elas são de fato más,
fazem feitiço e mandinga,
e esta lei de Deus não vinga.
Conosco é que buscam a paz,
no ensino de nossa língua.

E os tapuias por folgarem,
nem quiseram vir aqui.
De dança os enlouqueci
para a passagem comprarem
para o inferno que acendi.

GUAIXARÁ

Já chega.
Que tua fala me alegra,
teu relatório me encanta.

AIMBIRÊ

Usarei de igual destreza
para arrastar outras presas
nesta guerra pouco santa.

O povo Tupinambá
que em Paraguaçu morava,
e que de Deus se afastava,
deles hoje um só não há,
todos a nós se entregaram.

Tomamos Moçupiroca,
Jequei, Gualapitiba,
Niterói e Paraíba,
Guajajó, Carijó-oca,
Pacucaia, Araçatiba

Todos os tamoios foram
Jazer queimando no inferno.
Mas há alguns que ao Padre Eterno
fiéis, nesta aldeia moram,
livres do nosso caderno.

Estes maus Temiminós
nosso trabalho destroem.

GUAIXARÁ

Vem tentá-los que se moem
a blasfemar contra nós.
Que bebam, roubem e esfolem.

Que provoquem muitas lutas,
muitos pecados cometam,
por outro lados se metam
longe desta aldeia, à escuta
dos que as nossas leis prometam.

AIMBIRÊ

É bem difícil tentá-los.
Seu valente guardião
me amedronta.

GUAIXARÁ

E quais são?

AIMBIRÊ

É São Lourenço a guiá-los,
de Deus fiel Capitão.

GUAIXARÁ

Qual? Lourenço o consumado
nas chamas qual somos nós?

AIMBIRÊ

Esse.

GUAIXARÁ

Fica descansado.
Não sou assim tão covarde,
será logo afugentado.

Aqui está quem o queimou
e ainda vivo o cozeu.

AIMBIRÊ

`Por isso o que era teu
ele agora libertou
e na morte te venceu.
Há também o seu amigo
Bastião, de flechas crivado.

GUAIXARÁ

O que eu deixei transpassado?
Não faças broma comigo
que sou bem desaforado.
Ambos fugirão logo
aqui me virem chegar.

AIMBIRÊ

Olha que vais te enganar!

GUAIXARÁ

Tem confiança, te rogo,
que horror lhes vou inspirar.

Quem como eu nas terras existe
que até Deus desafiou?

AIMBIRÊ

Por isso Deus te expulsou,
e do inferno o fogo triste
para sempre te abrasou.

Eu lembro de outra batalha
em que Guaixará entrou.
Muito povo te apoiou,
e, inda que lhes desses forças,
na fuga se debandou.

Não eram muitos cristãos.
Contudo nada ficou
da força que te inspirou,
pois veio Sebastião,
na força fogo ateou.

GUAIXARÁ

Por certo aqueles cristãos
tão rebeldes não seriam.
Mas esses que aqui estão

desprezam a devoção
e a Deus não reverenciam.

Vais ver como em nossos laços
caem, logo estes malvados!
De nossos dons confiados,
as almas cederam passo
para andar do nosso lado.

AIMBIRÊ

Assim mesmo tentarei.
Um dia obedecerão.

GUAIXARÁ

Ao sinal de minha mão
os índios te entregarei.
E à força sucumbirão.

AIMBIRÊ

Preparemos a emboscada.
Não te afobes. Nosso espia
verá em cada morada
que armas nos são preparadas
na luta que se inicia.

GUAIXARÁ

Muito bem
és capaz disso
Saravaia meu vigia?

SARAVAIA

Sou demônio da alegria
e assumi tal compromisso.
Vou longe nesta porfia.

Saravaiaçu me chamo.
Com que tarefa me aprazas?

GUAIXARÁ

Ouve as ordens de teu amo,
quero que espies as casas
e voltes quando te chame.

Hoje vou deixar que leves
os índios aprisionados.

SARAVAIA

Irei onde me carregues.
E agradeço que me entregues
encargo tão desejado.

Como Saravaia sou,
aos índios que me aliei
enfim aprisionarei.
E neste barco me vou.
De cauim me embriagarei.

GUAIXARÁ

Anda logo! vai ligeiro!

SARAVAIA

Como um raio correrei!
(Sai)

GUAIXARÁ
(Passeia com Aimbirê e diz:)

Demos um curto passeio
Quando volte o mensageiro
a aldeia destroçarei.
(Volta Saravaia e Aimberê diz:)

AIMBIRÊ

Danado! Voltou voando!

GUAIXARÁ

Demorou menos que um raio!
Foste mesmo, Saravaia?

SARAVAIA

Fui. Já estão comemorando
os índios nossa vitória.

Alegra-te!
Transbordava o cauim,
o prazer regurgitava.
E a beber, as igaçabas
esgotam até o fim.

GUAIXARÁ

E era forte?

SARAVAIA

Forte estava.
E os rapazes beberrões
que pervertem esta aldeia,
caiam de cara cheia.
Velhos, velhas, mocetões
que o cauim desnorteia.

GUAIXARÁ

Já basta. Vamos mansinho
tomá-los todos de assalto.
Nosso fogo arda bem alto.
(Vem São Lourenço com dois companheiros. Diz Aimbirê:)

AIMBIRÊ

Há um sujeito no caminho
que me ameaça de assalto.

Será Lourenço, o queimado?

SARAVAIA

Ele mesmo, e Sebastião.

AIMBIRÊ

E o outro, dos três que são?

SARAVAIA

Talvez seja o anjo mandado,
desta aldeia o guardião.

AIMBIRÊ

Ai! Eles me esmagarão!
Não posso sequer olhá-los.

GUAIXARÁ

Não te entregues assim não,
ao ataque, meu irmão!
Teremos que amedrontá-los,
As flechas evitaremos,
fingiremos de atingidos.

AIMBIRÊ

Olha, eles vêm decididos
a açoitar-nos. Que faremos?
Penso que estamos perdidos.
(São Lourenço fala a Guaixará:)

SÃO LOURENÇO

Quem és tu?

GUAIXARÁ

Sou Guaixará embriagado,
sou boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu alado,
sou demônio matador.

SÃO LOURENÇO

E este aqui?

AIMBIRÊ

Sou jibóia, sou socó,
o grande Aimbirê tamoio.
Sucuri, gavião malhado,
sou tamanduá desgrenhado,
sou luminosos demônio.

SÃO LOURENÇO

Dizei-me o que quereis desta
minha terra em que nos vemos.

GUAIXARÁ

Amando os índios queremos
que obediência nos prestem
por tanto que lhes fazemos.
Pois se as coisas são da gente,
ama-se sinceramente.

SÃO SEBASTIÃO

Quem foi que insensatamente,
um dia ou presentemente?
os índios vos entregou?

Se o próprio Deus tão potente
deste povo em santo ofício
corpo e alma modelou!

GUAIXARÁ

Deus? Talvez remotamente
pois é nada edificante
a vida que resultou.

São pecadores perfeitos,
repelem o amor de Deus,
e orgulham-se dos defeitos.

AIMBIRÊ

Bebem cuim a seu jeito,
como completos sandeus
ao cauim rendem seu preito.

Esse cauim é que tolhe
sua graça espiritual.
Perdidos no bacanal
seus espíritos se encolhem
em nosso laço fatal.

SÃO LOURENÇO

Não se esforçam por orar
na luta do dia a dia.
Isto é fraqueza, de certo.

AIMBIRÊ

Sua boca respira perto
do pouco que Deus confia.

SARAVAIA

É verdade, intimamente
resmungam desafiando
ao Deus que os está guiando.
Dizem: "Será realmente
capaz de me ver passando?"

SÃO SEBASTIÃO
(Para Saravaia:)

Serás tu um pobre rato?
Ou és um gambá nojento?
Ou és a noite de fato
que as galinhas afugenta
e assusta os índios no mato?

SARAVAIA

No anseio de devorar
as almas, sequer dormi.

GUAIXARÁ

Cala-te! Fale eu por ti.

SARAVAIA

Não vás me denominar,
pra que não me mate aqui.

Esconda-me, antes, dele.
Eu por ti vigiarei.

GUAIXARÁ

Cala-te! Te guardarei!
Que a língua não te revele,
depois te libertarei.

SARAVAIA

Se não me viu, safarei.
Inda posso me esconder.

SÃO SEBASTIÃO

Cuidado que lançarei
o dardo em que o flecharei.

GUAIXARÁ

Deixa-o. Vem de adormecer.

SÃO SEBASTIÃO

A noite ele não dormiu
para os índios perturbar

SARAVAIA

Isso não se há de negar.
(Açoita-o Guaixará e diz:)

GUAIXARÁ

Cala-te! Nem mais um pio,
que ele quer te devorar.

SARAVAIA

Ai de mim!
Por que me bates assim,
pois estou bem escondido?
(Aimbirê com São Sebastião.)

AIMBIRÊ

Vamos! Deixa-nos a sós,
e retirai-vos que a nós
meu povo espera afligido.

SÃO SEBASTIÃO

Que povo?

AIMBIRÊ

Todos os que aqui habitam
desde épocas mais antigas,
velhos, moças, raparigas,
submissos aos que lhes ditam
nossas palavras amigas.

Vou contar todos seus vícios,
Em mim acreditarás?

SÃO SEBASTIÃO

Tu não me convencerás.

AIMBIRÊ

Têm bebida aos desperdícios,
cauim não lhes faltará.
De ébrios dão-se ao malefício,
ferem-se, brigam, sei lá!

SÃO SEBASTIÃO

Ouvem do morubixaba
censuras em cada taba,
disso não os livrarás.

AIMBIRÊ

Censura aos índios? Conversa!
Vem logo o dono da farra,
convida todos à festa,
velhos, jovens, moçocaras
com morubixaba à testa.

Os jovens que censuravam
com morubixaba dançam,
e de comer não se cansam,
e no cauim se lavam,
e sobre as moças avançam.

SÃO SEBASTIÃO

Por isso aos aracajás
vivem vocês freqüentando,
e a todos aprisionando.

AIMBIRÊ

Conosco vivem em paz,
pois se entregam aos desmandos.

SÃO SEBASTIÃO

Uns aos outros se pervertem
convosco colaborando.

AIMBIRÊ

Não sei. Vamos trabalhando,
e ao vícios bem se convertem
à força do nosso mando.

GUAIXARÁ

Eu que te ajude a explicar.
As velhas, como serpentes,
injuriam-se entre dentes,
maldizendo sem cessar.
As que mais calam consentem.

Pecam as inconseqüentes
com intrigas bem tecidas,
preparam negras bebidas
pra serem belas e ardentes
no amor na cama e na vida.

AIMBIRÊ

E os rapazes cobiçosos,
perseguindo o mulherio
para escravas do gentio...
Assim invadem fogosos...
dos brancos o casario.

GUAIXARÁ

Esta história não termina
antes que desponte a lua,
e a taba se contamina.

AIMBIRÊ

E nem sequer raciocinam
que é o inferno que cultuam.

SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,
bem remédio para a cura.
Na comunhão se depura
da mais funda perdição
a alma que o bem procura.

Se depois de arrependidos
os índios vão confessar
dizendo: "Quero trilhar

o caminho dos remidos".
- o padre os vai abençoar.

GUAIXARÁ

Como se nenhum pecado
tivessem, fazem a falsa
confissão, e se disfarçam
dos vícios abençoados,
e assim viciados passam.

AIMBIRÊ

Absolvidos
dizem: "na hora da morte
meus vícios renegarei".
E entregam-se à sua sorte.

GUAIXARÁ

Ouviste que enumerei
os males são seu forte.

SÃO LOURENÇO

Se com ódio procurais
tanto assim prejudicá-los,
não vou eu abandoná-los.
E a Deus erguerei meus ais
para no transe ampará-los.

Tanto confiaram em mim
construindo esta capela,
plantando o bem sobre ela.
Não os deixarei assim
sucumbir sem mais aquela.

GUAIXARÁ

É inútil, desista disso!
Por mais força que lhes dês,
com o vento, num dois três
daqui lhes darei sumiço.
Deles nem sombra vereis.

Aimbirê
vamos conservar a terra
com chifres, unhas, tridentes,
e alegrar as nossas gentes.

AIMBIRÊ

Aqui vou com minhas garras,
meus longos dedos, meus dentes,

ANJO

Não julgueis, tolos dementes,
por no fogo esta legião,
Aqui estou com Sebastião
e São Lourenço, não tentem
levá-los à danação.
Pobres de vós que irritastes

de tal forma o bom Jesus
Juro que em nome da cruz
ao fogo vos condenastes.
(Aos santos.)

Prendei-os donos da luz!
(Os santos prendem os dois diabos.)

GUAIXARÁ

Basta!

SÃO LOURENÇO

Não! Teu cinismo me agasta.
Destes provas que sobejam
de querer destruir a igreja.

SÃO SEBASTIÃO
(A Aimberê:)

Grita! Lamenta! Te arrasta!
Te prendi!

AIMBIRÊ

Maldito Seja!
(Preso os dois fala o Anjo a Saravaia que ficou escondido.)

ANJO

E tu que está escondido
será acaso um morcego?
Sapo cururu minguá,
ou filhote de gambá,
ou bruxa pedindo arrego?

Sai daí seu fedorendo,
abelha de asa de vento,
zorrilho, maritaca,
seu lesma, tamarutaca.

SARAVAIA

Ai vida, que me aprisionam!
Não vês que morro de sono?

ANJO

Quem és tu?

SARAVAIA

Sou Saravaia
Inimigo dos franceses.

ANJO

Teus títulos são só estes?

SARAVAIA

Sou também mestre em tocaia,
porco entre todas as reses.

ANJO

Por isso és sujo e enlameias
tudo com teu negro rabo.
Veremos como pateias
no fogo que a gente ateia.

SARAVAIA

Não! Por todos os diabos!
Eu te dou ovas de peixe,
farinha de mandioca,
desde que agora me deixas,
te dou dinheiro aos feixes.

ANJO

Não te entendo, maçaroca.
As coisas que me prometes
em troca, de onde roubaste?
Que morada assaltaste
antes que aqui te escondeste?
Muito coisa tu furtaste?

SARAVAIA

Não, somente o que falei.
Da casa dos bons cristãos
foi bem pouco o que apanhei;
Tenho o que trago nas mãos,
por muito que trabalhei.
Aqueles outros têm mais.
Para comprar cauim
aos índios, em boa paz,
dei o que tinha, e demais,
pois pobre acabei assim.

ANJO

Vamos! Restitui-lhes tudo
o que tiveres roubado.

SARAVAIA

Não faças isto, estou bêbedo,
mais do que o demo rabudo
da sogra do meu cunhado.

Tem paciência, me perdoa,
meu irmão, estou doente.
Das minhas almas presente
farei a ti, prá que em boa
hora as cucas lhes rebentes,

Leva o nome destes monstros
e famoso ficarás.

ANJO

E onde lhes foste ao encontro?

SARAVAIA

Fui pelo sertão a dentro,
lacei as almas, rapaz.

ANJO

De que famílias descendem?

SARAVAIA

Desse assunto pouco sei.
Filhos de índios talvez.
Na corda os enfileirei
presos todos de uma vez.
Passei noites sem dormir,
nos seus lares espreitei,
fiz suas casas explodir,
suas mulheres lacei,
pra que não possam fugir.
(Amarra-o o anjo e diz:)

ANJO

Quantas maldades fizeste!
Por isso o fogo te espera.
Viverás do que tramaste
nesta abrasada tapera
em que pro fim te pilhaste.

SARAVAIA

Aimberê!

AIMBIRÊ

Oi!

SARAVAIA

Vem logo dar-me a mão!
Este louco me prendeu.

AIMBIRÊ

A mim também me venceu
o flechado Sebastião.
Meu orgulho arrefeceu.

SARAVAIA

Ai de mim!
Guaixará, dormes assim,
sem pensar em me salvar?

GUAIXARÁ

Estás louco, Saravaia
Não vês que Lourenço ensaia
maneira de me queimar?

ANJO

Bem junto, pois sois comparsas,
ardereis eternamente.
Enquanto nós, *Deo Gratias*!,

sob a luz da minha guarda
viveremos santamente.
(Faz uma prática aos ouvintes)

Alegrai-vos, filhos meus,
na santa graça de Deus,
pois que dos céus eu desci,
para junto a vós estar
e sempre vos amparar
dos males que há por aqui.
Iluminado esta aldeia
junto de vós estarei,
por nada me afastarei -
pois a isto me nomeia
Deus, Nosso Senhor e Rei!

Ele que a cada um de vós
um anjo seu destinou.
Que não vos deixe mais sós,
e ao mando de sua voz
os demônios expulsou.

Também
São Lourenço o virtuoso,
Servo de Nosso Senhor,
vos livra com muito amor
terras e almas, extremoso,
do demônio enganador.

Também São Sebastião
valente santo soldado,
que aos tamoios rebelados
deu outrora uma lição
hoje está do vosso lado

E mais - Paranapucu,
Jacutinga, Morói,
Sariguéia, Guiriri,
Pindoba, Pariguaçu,
Curuça, Miapei

E a tapera do pecado,
a de Jabebiracica,
não existe. E lado a lado

a nação dos derrotados
no fundo do rio fica.

Os franceses seus amigos,
inutilmente trouxeram
armas. Por nós combateram
Lourenço, jamais vencido,
e São Sebastião flecheiro.

Estes santos, em verdade,
das almas se compadecem
aparando-as, desvanecem
(Ó armas da caridade!)
Do vício que as envilece.

Quando o demônio ameaçar
vossas almas, vós vereis
com que força hão de zelar.
Santos e índios sereis
pessoas de um mesmo lar.

Tentai
velhos vícios extirpar,
e as maldades cá da terra
evitai, bebida e guerra,
adultério, repudiai
tudo o que o instinto encerra.

Amai vosso Criador
cuja lei pura e isenta
São Lourenço representa.
Engrandecei ao Senhor
que de bens vos acrescenta.

Este mesmo São Lourenço
que aqui foi queimado vivo
pelos maus, feito cativo,
e ao martírio foi infenso,
sendo o feliz redivivo.

Fazei-vos amar por ele,
e amai-o quanto puderdes,
que em sua lei nada se perde.

E confiando mais nele,
mais o céu se vos concede.

Vinde
à direita celestial
de Deus Pai, ireis gozar
junto aos que bem vão guardar
no coração que é leal,
e aos pés de Deus repousar.

(Fala com os santos convidando-os a cantar e se despede.)

Cantemos todos, cantemos!
Que foi derrotado o mal!
Esta história celebremos,
nosso reino inauguremos
nessa alegria campal!

(Os santos levam presos os diabos os quais, na última repetição da cantiga choram.)

CANTIGA

Alegrem-se os nossos filhos
por Deus os ter libertado.
Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

(Voltam os santos)

Alegrai-vos, vivei bem,
vitoriosos do vício,
aceitai o sacrifício
que ao amor de Deus convém.
Daí fuga ao Demo-ninguém!
Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

TERCEIRO ATO

Depois de São Lourenço morto na grelha o Anjo fica em sua guarda, e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que venham sufocar os imperadores Décio e Valeriano que estão sentados em seus tronos.

ANJO

Aimbirê!
Estou chamando você.
Apressa-te ! Corre! Já!

AIMBIRÊ

Aqui estou! Pronto! O que há!
Será que vai me pender
de novo este passarão?

ANJO

Reservei-te uma surpresa:
tenho dois imperadores
para dar-te como presa.
De Lourenço, em chama acesa,
foram ele os matadores.

AIMBIRÊ

Boa! Me fazes contente!
À força os castigarei,
e no fogo os queimarei
como diabo eficiente.
Meu ódio satisfarei.

ANJO

Eia, depressa a afogá-los.
Que para o sol sejam cegos!
Ide ao fogo cozinhá-los.
Castiga com teus vassalos
estes dois sujos morcegos.

AIMBIRÊ

Pronto! Pronto!
Sejam tais ordens cumpridas!
Reunirei meus demônios.
Saravaia, deixa os sonhos,
traz-me de boa bebida
que temos planos medonhos!

SARAVAIA

Já de nego me pintei,
ó meu avô jaguaruna,
e o cauim preparei,
verás como beberei
nesta festa da fortuna.

Que vejo? Um temiminó?
Ou filho de guaianá?
Será esse um guaitacá
que à mesa do jacaré
sozinho vou devorar?
    (Vê o Anjo e espanta-se.)

E este pássaro azulão,
quem será que assim me encara?
Algum parente de arara?

AIMBIRÊ

É o anjo que em nossa mão
põe duas presas bem raras.

SARAVAIA

Meus capangas, atenção!
Tataurana, Tamanduá,
vamos com calma por lá,
que esses monstros quererão
por certo me afogar.

AIMBIRÊ

Vamos!

SARAVAIA

Ai, os mosquitos me mordem!
Espera, ou me comerão!
Tenho medo, quem me acode.
Sou pequenino e eles podem
tragar-me de supetão.

AIMBIRÊ

Os índios que não se fiam
nesta conversa e se escondem
se os mandam executar.

SARAVAIA

Têm razão se desconfiam,
vivem sempre a se lograr.

AIMBIRÊ

Cala a boca, beberrão,
só por isso és tão valente,
moleirão impertinente!

SARAVAIA

Ai de mim, me prenderão,
mas vou por te ver contente.
E a quem vamos devorar?

AIMBIRÊ

A algozes de São Lourenço.

SARAVAIA

Aqueles cheios de ranço?
Com isto eu vou mudar
meu nome, de que me canso.

Muito bem! Suas entranhas
sejam hoje o meu quinhão.

AIMBIRÊ

Vou morder seu coração.

SARAVAIA

E os que não nos acompanham
sua parte comerão.
(Chama quatro companheiros para que os ajudem.)

Tataurana,
traze a tua muçurana.
Urubu, jaguaruçu,
traz a ingapema. Sús
Caborê, vê se te inflama
pra comer estes perus.
(Acodem todos os quatro com suas armas)

TATAURANA

Aqui estou com a muçurana
e os braços lhe comerei;
A Jaguaraçu darei
o lombo, a Urubu o crânio,
e as pernas a Caborê

URUBU

Aqui cheguei!
As tripas recolherei,
e com os bofes terei
a panela a derramar.
E esta panela verei
minha sogra cozinhar.

JAGUARUÇU

Com esta ingapema dura
as cabeças quebrarei,
e os miolos comerei.
Sou guará, onça, criatura,
e antropófago serei.

CABORÊ

E eu que em demandas andei
aos franceses derrotando,
para um bom nome ir logrando,
agora contigo irei
estes chefes devorando.

SARAVAIA

Agora quietos! De rastros,
não nos viram. Vou à frente.
Que não escapem da gente.
Vigiarei. No tempo exato
ataquemos de repente.
(Vão todos agachados em direção a Décio e Valeriano que conversam)

DÉCIO

Amigo Valeriano
minha vontade venceu.
Não houve arte no céu
que livrasse do meu plano
o servo do Galileu.
Nem Pompeu e nem Catão
nem Cesar, nem o Africano,
nenhum grego nem troiano
puderam dar conclusão
a um feito tão soberano.

VALERIANO

O remate, grão-Senhor
desta tão grande façanha
foi mais que vencer Espanha.
Jamais rei ou imperador
logrou coisa tão estranha.

Mas, Senhor, esse quem é
que vejo ali, tão armado
com espadas e cordel,
e com gente de tropel
vindo tão acompanhado?

DÉCIO

É o grande deus nosso amigo,
Júpiter, sumo senhor,
que provou grande sabor
com o tremendo castigo
da morte deste traidor.

E quer, para reforçar
as penas deste rufião,
nosso império acrescentar
com sua potente mão,
pela terra e pelo mar.

VALERIANO

Mais me parece é que vem
a seus tormentos vingar,
e a nós ambos enforcar.
Oh! que cara feia tem!
Começo a me apavorar.

DÉCIO

Enforcar?
Quem a mim pode matar,
ou mover meus fundamentos?
Nem a exaltação dos ventos,
Nem a braveza do mar,
nem todos os elementos!

Não temas, que meu poder,
o que os deuses imortais
me quiseram conceder,
não se poderá vencer
pois não há forças iguais.

De meu cetro imperial
pendem reis, tremem tiranos.
Venço a todos os humanos,
e posso ser quase igual
a esses deuses soberanos.

VALERIANO

Oh, que terrível figura!
Não posso mais aguardar,
que já me sinto queimar!
Vamos, que é grande loucura
tal encontro aqui esperar.

Ai! ai! que grandes calores!
Não tenho nenhum sossego.
Ai, que poderosas dores!
Ai, que férvidos ardores,
que me abrasam como fogo!

DÉCIO

Oh, paixão!
Ai de mim, que é o Plutão
chegando pelo Aqueronte,
ardendo como tição
a levar-nos de roldão
ao fogo do Flegetonte.

Oh, coitado
que me queimo! Esse queimado
me queima com grande dor!
Oh, infeliz imperador!
Todo me vejo cercado
de penas e de pavor,

pois armado
o diabo com seu dardo
mais as fúrias infernais,
vêm castigar-nos demais.
Já nem sei o que hei falado
com angústias tão mortais.

VALERIANO

O Décio, cruel tirano!
Já pagas, e pagará
Contigo Valeriano,
porque Lourenço cristão
assado, nos assará.

AIMBERÊ

Ô Castelhano!
Bom Castelhano parece!
Estou bem alegre mano,
que Espanhol seja o profano
que no meu fogo padece.

Vou fingir-me castelhano
e usar de diplomacia
com Décio e Valeriano,
porque o espanhol ufano
sempre guarda a cortesia.

Oh, mais alta majestade!
Beijo-vos a mão mil vezes,
por vossa grã-crueldade
pois justiça nem verdade
guardastes, sendo juizes.

Sou mandado
por São Lourenço queimado,
levá-los à minha casa,
onde seja confirmado
vosso imperial estado
em fogo, que sempre abrasa.

Oh, que tronos e que camas
eu vos tenho preparadas,
nessas escuras moradas
de vivas e eternas chamas
de nunca ser apagadas!

VALERIANO

Ai de mim!

AIMBIRÊ

Vieste do Paraguai?
Que falais, em Carijó.
Sei todas línguas de cor.
Avança aqui, Saravaia!
Usa tu golpe maior!

VALERIANO

Basta! Que assim me assassinas,
não tenho pecado nada!
Meu chefe é a presa acertada.

SARAVAIA

Não, és tu que me fascinas,
ó presa bem cobiçada.

DÉCIO

Ó miserável de mim,
que nem basta ser tirano,
nem falar em castelhano!
Que é do mando em que me vi,
e o meu poder soberano?

AIMBIRÊ

Jesus, Deus grande e potente,
que tu, traidor, perseguiste,
te dará sorte mais triste
entregando-te em meu dente,
a que, malvado, serviste.

Pois me honraste,
e sempre me contentaste
ofendendo ao Deus eterno.
É justo pois que no inferno,
palácio que tanto amaste,
não sintas o mal do inverno.

Porque o ódio inveterado
do teu duro coração
não pode ser abrandado,
se não for já martelado
com a água do Flegeton.

DÉCIO

Olha que consolação
para quem se está queimando!

Sumos deuses, para quando
adiais minha salvação,
que vivo estou me abrasando?

Ai, ai! Que mortal desmaio!
Esculápio, não me acodes?
Oh, Júpiter, porque dormes?
Que é do vosso raio?
Por que é que não me socorres?

AIMBIRÊ

Que dizeis?
De que mal vós padeceis?
Que pulso mais alterado.
É grande dor de costado
este mal, que morreis!
Haveis de ser bem sangrado!

Há dias que esta sangria
se guardava para vós
que sangráveis, noite e dia,
com dedicada porfia
aos santos servos de Deus.
Muito desejo eu beber
vosso sangue imperial.
Oh, não me leveis a mal
que com isso quero ser
homem de sangue real.

DÉCIO

Que dizeis? Que disparate,
e elegante desvario!
Joguem-me dentro de um rio
antes que o fogo me mate,
ó deuses em que confio!

Não quereis
socorrer-me, ou não podeis?
Ó malditos fementidos,
ingratos desconhecidos,
que pouco vos condoeis
de quem fostes tão servidos!

Se agora voar pudesse,
vos iria derrocar
dos vossos tronos celestes,
feliz, se a mim me coubesse
no fogo vos projetar.

AIMBIRÊ

Parece-me que é chegada
a hora do frenesi,
e com chama redobrada,
a qual será descuidada
dos deuses a quem servis.

São armas
dos audazes cavaleiros
que usam palavrório humano.
E por isso, tão ufano,
hoje vindes acolhê-los
no romance castelhano.

SARAVAIA

Assim é.
Pensava dar, de revés,
golpes de afiados aços
mas enfim, nossos balaços
se chocaram através
com bem poucos canhonaços.

Mas que boas bofetadas
lhes reservo para dar!
Os tristes, sem descansar,
à força de tais pauladas
com cães hão de ladrar.

VALERIANO

Que ferida!
Tira-me logo esta vida
pois, minha alta condição,
contra justiça e razão
veio a ser tão abatida
que morro como ladrão!

SARAVAIA

Não é outro o galardão
que concedo aos meus criados,
senão morrer enforcados,
e depois, sem remissão,
ao fogo ser condenados!

DÉCIO

Essa é a pena redobrada
que me causa maior dor:
que eu, universal senhor,
morra morte desonrada
na forca como traidor.

Ainda se fosse lutando,
dando golpes e reveses,
pernas e braços cortando,
como fiz com os franceses,
acabaria triunfando.

AIMBIRÊ

Parece que estais lembrando,
poderoso imperador,
quando, com bravo furor,
matastes, traição armando,
Felipe, vosso senhor.
Por certo que me alegrais
e se cumpre meus anseios
ante desabafos tais,
porque o fogo em que queimais
provoca tais devaneios.

DÉCIO

Bem entendo
que este fogo em que me acendo
merece-me a tirania,
pois com tão feroz porfia
aos cristãos martirizando
pelo fogo os consumia.

Mas que em minha monarquia
acabe com tal pregão
pois morrer como ladrão
é muito triste agonia
e dobrada confusão.

AIMBIRÊ

Como? Pedis confissão?
Sem asas quereis voar?
Ide, se quereis achar
aos vossos atos perdão,
à deusa Pala rogar.

Ou a Nero,
esse cruel carniceiro
do fiel povo cristão.
Aqui está Valeriano,
vosso leal companheiro,
buscai-o por sua mão!

DÉCIO

Esses amargos chistes
e agressões
me acrescentam em paixões
e mais dores,
com tão profundos ardores
como de ardentes tições

E com isto crescem mais
os fogos em que padeço.
Acaba, que me ofereço
em tuas mãos, Satanás,
ao tormento que mereço.

AIMBIRÊ

Oh, quanto vos agradeço
por esta boa vontade!
Eu, com liberalidade
quero dar-lhe bom refresco
para vossa enfermidade.

Na cova
onde o fogo se renova
com ardores perenais,
os vossos males fatais
aí terão grande prova
das agruras imortais.

DÉCIO

Que fazer, Valeriano,
bom amigo!
Testemunharás comigo
desta pena
envolvido na cadeia
de fogo, deste castigo.

VALERIANO

Em má hora! Já são horas...
Vamos logo
deste fogo ao outro fogo eternal,
lá onde a chama imortal
nunca nos dará sossego.

Sús, asinha!
Vamos à nossa cozinha,
Saravaia!

AIMBIRÊ

Aqui deles não me afasto.
Nas brasas serão bom pasto,
maldito quem nelas caia.

DÉCIO

Aqui abrasado estou!
Assa-me Lourenço assado!
De soberano que sou
vejo que Deus me marcou
por ver seu santo vingado!

AIMBIRÊ

Com efeito
quiseste abrasar a jeito
o virtuosos São Lourenço.
Hoje te castigo e venço
e sobre as brasas te deito
para morrer, segundo penso.

(Sufocam-nos e entregam aos quatro beleguins, e cada dois levam o seu.)

Vinde aqui
e aos malditos conduzi
para em bom queimarem,
seus corpos sujos tostarem,
na festa em que os seduzi
para cozidos bailarem

(Ficam ambos os demônios no terreiros com as coroas dos imperadores na cabeça.)

SARAVAIA

Sou o grande vencedor,
o que as más cabeças quebra,
sou um chefe de valor
e hoje me decido por
me chamar Cururupeba.

Como eles,
mato os que estão em pecado,
e os arrasto em minhas chamas.
Velhos, moços, jovens, damas,
tenho sempre devorado.
De bom algoz tenho fama.

QUARTO ATO

Tendo o corpo de São Lourenço amortalhado e posto na tumba, entra o Anjo com o Temor e o Amor de Deus, a encerrar a obra, e no fim acompanham o santo à sepultura.

ANJO

Vendo nosso Deus benigno
vossa grande devoção
que tendes, e com razão,
a Lourenço, o mártir digno
de toda a veneração,

determinam, por seus rogos
e martírio singular,
a todos sempre ajudar,
para que escapeis dos fogos
em que os maus se hão de queimar.

Dois fogos trazia n'alma,
com que as brasas resfriou,
a no fogo em que se assou,
com tão gloriosa palma,
dos tiranos triunfou.

Um fogo foi o temor
do bravo fogo infernal,
e, como servo leal,
por honrar a seu Senhor,
fugiu da culpa mortal.

Outro foi o Amor fervente
de Jesus, que tanto amava,
que muito mais se abrasava
com esse fervor ardente
que co'o fogo, em que se assava,

Estes o fizeram forte.
Com estes purificado
como ouro refinado,
padeceu tão crua morte
por Jesus, seu doce amado.

Estes vos manda o Senhor
a ganhar vossa frieza,
para que vossa alma acesa
de seu fogo gastador,
fique cheio de pureza.

Deixai-vos deles queimar
como o mártir São Lourenço,
e sereis um vivo incenso
que sempre haveis de cheirar
na corte de Deus imenso.

TEMOR DE DEUS
(Dá seu recado.)

Pecador,
sorves com grande sabor
o pecado,
e não ficas afogado
com teus males!

E tuas chagas mortais
não sentes, desventurado!

O inferno
como seu fogo sempiterno,
Já te espera,
se não segues a bandeira
da cruz,
sobre a qual morreu Jesus
para que tua morte morra.

Deus te envia esta mensagem
com amor,
a mim que sou seu Temor
me convém
declarar o que contém
para que temas ao Senhor.
(Glosa e declaração do recado.)

Espantado estou de ver,
pecador, teu vão sossego.
Com tais males a fazer,
como vives sem temer,
aquele espantoso fogo?

Fogo que nunca descansa,
mas sempre provoca a dor,
e com seu bravo furor

dissipa toda a esperança
ao maldito pecador.

Pecador, como te entregas
tão sem freio ao vício extremo?
Dos vícios de que estás cheios
engolindo tão às cegas
a culpa, com seu veneno.

Veneno de maldição
tragas sem nenhum temor,
e sem sentir sua dor,
deleites da carnação
sorves com grande sabor.

Será o sabor do pecado
muito mais doce que o mel,
mas o inferno cruel
depois te dará um bocado
bem mais amargo que o fel

Fel beberás sem medida,
pecador desatinado,
tua alma em chamas ardida.
Esta será a saída
do deleite do pecado.

Do pecado que tu amas
Lourenço tanto escapou
que mil penas suportou,
e queimado pelas chamas,
por não pecar, expirou.

Ele a morte não temeu.
Tu não temes o pecado
no qual et tem enforcado
Lucifer, que te afogou,
e não ficas afogado.

Afogado pela mão
do Diabo pereceu
Décio com Valeriano,
infiel, cruel tirano,
no fogo que mereceu.

Tua fé merece a vida,
mas com pecados mortais
quase a tiveste perdida,
e teu Deus, bem sem medida,
ofendeste, com teus males.

Com teus males e pecados,
tua alma de Deus alheia,
da danação na cadeia
há de pagar com os danados
a culpa que a incendeia.

Pena sem fim te darão
dentre os fogos infernais
teus deleites sensuais.
Teus tormentos dobrarão,
e tuas chagas mortais .
Que mortais são tuas feridas
pecador. Porque não choras?
Não vês que nestas demoras,
estão todas corrompidas,
a cada dia pioras?

Pioras e te confinas,
mas teu perigoso estado,
na pressa e grande cuidado
com que ao fogo te destinas,
não sentes, desventurado?

Oh, descuido intolerável
de tua vida!
Tua alma está confundida
no lodo,
e tu vais rindo de tudo,
não sentes tua caída!

Oh, traidor!
Que negas teu Criador,
Deus eterno,
que se fez menino terno
por salvar-te.
E tu queres condenar-te
e não temes ao inferno!

Ah, insensível!
Não calculas o terrível
espanto, que causará
o juiz, quando virá
com carranca muito horrível,
e à morte te entregará.

E tua alma será
sepultada em pleno inferno,
onde morte não terá
mas viva se queimará
com seu fogo sempiterno!

Oh, perdido!
Ali serás consumido
sem nunca te consumir.
Terás vida sem viver,
com choro e grande gemido,
terás morte sem morrer.

Pranto será teu sorrir,
sede sem fim te abeberra,
fome que em comer se gera,
teu sono, nunca dormir,
tudo isto já te espera.

Oh, morfio!
Pois tu veras de continuo
ao horrendo Lucifer,
sem nunca chegar a ver
aquele molde divino
de quem tiras todo o ser.

Acaba já de temer
a Deus, que sempre te espera,
correndo por sua esteira,
pois não lhes vai pertencer
se não lhe segues a bandeira.

Homem louco!
Se teu coração já toco,
mudar-se-ão alegrias
em tristezas e agonias.

Olha que te falta pouco
para fenecer teus dias.

Não peques mais contra Aquele
que te ganhou vida e luz
com seu martírio cruel
bebendo vinagre e fel
no extremo lenho a cruz.

Oh, malvado!
Ele foi crucificado,
sendo Deus, por te salvar.
Pois, que podes esperar,
se foste tu o culpado
e não cessas de pecar?

Tu o ofendes, ele te ama.
Cegou-se por dar-te a luz.
Tu és mau, pisas a cruz
sobre a qual morreu Jesus.

Homem cego,
porque não começas logo
a chorar por teu pecado?
E tomar por advogado
a Lourenço que, no fogo,
por Jesus morreu queimado?

Teme a Deus, juiz tremendo,
que em má hora te socorra,
em Jesus tão só vivendo,
pois deu sua vida morrendo
para que tua morte morra.

AMOR DE DEUS
(Dá seu recado)

Ama a Deus, que te criou,
homem, de Deus muito amado!
Ama com todo cuidado,
a quem primeiro te amou.

Seu próprio Filho entregou
à morte, por te salvar.

Que mais te podia dar,
se tudo o que tem te dou?

Por mandado do Senhor,
te disse o que tens ouvido.
Abre todo teu sentido,
porque eu, que sou seu Amor,
seja em ti bem imprimido
(Glosa e declaração do recado)

Todas as coisas criadas
conhecem seu Criador.
Todas lhe guardam amor,
pois nele são conservadas,
cada qual em seu vigor.

Pois com tanta perfeição
sua ciência te formou
homem capaz de razão,
de todo o teu coração
ama a Deus, que te criou!

Se amas a criatura
por se parecer formosa,
ama a visão graciosa
desta mesma formosura
por sobre todas as coisas.

Dessa divina lindeza
deves ser enamorado.
Seja tua alma presa
daquela suma beleza
homem, de Deus muito amado!

Aborrece todo o mal,
com despeito e com desdém,
E pois, que é racional,
abraça a Deus imortal,
todo, sumo e único bem.

Este abismo de fartura,
que nunca será esgotado;
esta fonte viva e pura,

este rio de doçura,
ama com todo cuidado.

Antes que criasse nada
já a alma majestade
te havia a vida gerado.
e tua alma, abrasada
com eterna caridade.

Por fazer-te todo seu
com amor te cativou
e, pois que tudo te deu,
dá tu todo o maior que é teu
a quem primeiro te amou.

E deu-te alma imortal
e digna de um Deus imenso,
para que fosses suspenso
nele, esse bem eternal,
que é sem fim e sem começo.

Depois, que em morte caíste
com vida te levantou.
Porque sair não conseguiste
da culpa em que te fundiste,
seu próprio filho entregou.

Entregou-o por escravo,
deixou que fosse vendido,
para que tu, redimido
do poder do leão bravo
fosses sempre agradecido.

Para que não morras, morre
com amor bem singular.
Pois, quanto deves amar
a Deus que entregar-se quer
à morte, por te salvar.

O Filho, que o Padre deu,
a seu Pai te dá por pai,
e sua graça te infundiu,
e quando na cruz morreu,
deu-te por mãe sua Mãe.

Deu-te fé com esperança,
e a si mesmo por manjar,
para em si te transformar
pela bem aventurança.
Que mais te podia dar?

Em paga de tudo isto,
oh, ditoso pecador,
pede apenas teu amor.
Despreza pois todo o resto
por ganhar a tal Senhor.

Dá tua vida pelos bens
que Sua morte te ganhou.
És seu, nada tens de teu,
Dá-lhe tudo quanto tens,
pois tudo o que tem te deu!

DESPEDIDA

Levantai os olhos ao céu, meus irmãos.
Vereis a Lourenço reinando com Deus,
por vós implorando junto ao rei dos céus,
que louvais seu nome aqui neste chão!

Daqui por diante tende grande zelo,
que Deus seja sempre temido e amado,
e, mártir tão santo, de todos honrado.
Terei seus favores e doce desvelo.

Pois que celebrai com tal devoção
seu claro martírio, tomai meu conselho:
sua vida e virtudes tende por espelho,
chamando-o sempre com grande afeição.

Tereis, por seus rogos, o santo perdão,
e sobre o inimigo perfeita vitória.
E depois da morte vós vereis na glória
a cara divina, com clara visão.

(LAUS DEO)

QUINTO ATO

Dança de doze meninos, que se fez na procissão de São Lourenço.

1º) Aqui estamos jubilosos
tua festa celebrando.
Por teus rogos desejando
Deus nos faça venturosos
nosso coração guardando.

2º) Nós confiamos em ti
Lourenço santificado,
que nos guardes preservados
dos inimigos aqui

Dos vícios já desligados
nos pajés não crendo mais,
em suas danças rituais,
nem seus mágicos cuidados.

3º) Como tu, que a confiança
em Deus tão bem resguardaste,
que o dom de Jesus nos baste,
pai da suprema esperança.

4º) Pleno do divino amor
foi teu coração outrora.
Zela pois por nós agora!
Amemos nosso Criador,
pai nosso de cada hora!

5º) Obedeceste ao Senhor,
cumprindo sua palavra.
Vem que nossa alma escrava
de teu amor, neste dia
te imita em sabedoria.

6º) Milagroso, tu curaste
teus filhos tão santamente.
Suas almas estão doentes
deste mal que abominaste,
Vem curá-los novamente!

7º) Fiel a Nosso Senhor
a morte tu suportaste.
Que a força disto nos baste
para suportar a dor
pelo mesmo Deus que amaste.

8º) Pelo terrível que és,
Já que os demônios te temem,
nas ocas onde se escondem
vem calcá-los sob os pés,
pra que as almas não nos queimem.

9º) Hereges que este indefeso
corpo no teu assaram,
e a carne toda queimaram
em grelhas de ferro aceso.

Choremos, do alto desejo
de Deus Padre contemplar.
Venha Ele neste ensejo
nossas almas inflamar.

10º) Os teus verdugos extremos
treme, algozes de Deus.
Vem, leva-nos como teus,
que ao teu lado ficaremos
assustando estes ateus.

11º) Estes que te deram morte
ardem no fogo infernal.
Tu, na glória celestial
gozarás, divina sorte.

E contigo aprenderemos
a amar a Deus no mais fundo
do nosso ser, e no mundo
longa vida gozaremos.

12º) Em tuas mãos depositamos
nosso destino também.
Em teu amor confiamos

e uns aos outros nos amamos
para todo o sempre. Amém.

CAI O PANO

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

José de Anchieta

Chegado à colônia em 1553 com a Companhia de Jesus, o chamado Apóstolo do Brasil foi o primeiro intelectual a atuar no país: em tupi, português, espanhol e latim, ele escreveu poemas líricos, dramas, cartas sobre filologia, além de ter sido o primeiro e maior educador religioso europeu a catequizar os índios em sua própria terra natal, o que também lhe deu o título de Patrono dos Professores. Essa atividade de JOSÉ DE ANCHIETA, à época, historicamente original, resultou numa aculturação lingüística e espiritual determinante para a formação do futuro povo mestiço nacional. Se, por um lado, as forças do poder colonizador impunham uma nova representação maniqueísta ou dualista do sagrado, por outro, o cristianismo tinha de receber alguns influxos da crença tupi. O jesuíta conseguiu os resultados educacionais mais favoráveis ao objetivo almejado através de um teatro (em língua tupi) que soube se adaptar ao novo ambiente. Nesse princípio de mescla entre o pensamento colonizador e o autóctone, entre essas duas linguagens, nasce a literatura nacional, de um Barroco singularmente moldado às novas exigências do país.

OBRAS

Auto da Pregação Universal (1570); Diálogo do P.e Pero Dias Martir (1571); Na Festa de Natal ou Pregação (1577); Na Aldeia de Guapimirim (1580); Excerto do Auto de S. Sebastião (1584); Arte de Gramática da Língua Tupi (1595); Auto da Visitação de Sta. Isabel (1507); Cartas, Informações e Sermões (1933); De Beata Virgine (1940); Capitania de São Vicente (1946); De Gestis de Men de Sá (1958); Poesias (1959); Obras Completas (1985).

TRANSPONDO OCEANOS SIMBÓLICOS

“O projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro, e este foi o empenho do primeiro apóstolo. Na passagem de uma esfera simbólica para outra, Anchieta encontrou óbices por vezes incontornáveis. Como dizer aos tupis, por exemplo, a palavra pecado, se eles careciam até mesmo de sua noção, ao menos no registro que esta assumira ao longo da Idade Média européia? Anchieta, neste e em outros casos extremos, prefere enxertar o vocábulo português no tronco do idioma nativo.” (Alfredo Bosi, Anchieta ou as Flechas Opostas do Sagrado)

O INFATIGÁVEL

“Em breve começaram a aparecer os quilates do noviço. As sólidas humanidades que adquirira indicaram-no para a redação das cartas quadrimestrais. Fez-se professor de primeiras letras, de latim, não só de irmãos como de sacerdotes, do padre Manuel de Paiva, por exemplo, superior da missão. Para suprir a falta de livros de ensino perdia parte da noite a trasladá-los. Fazia peças manuais próprias ao escambo com os vizinhos que ajudaram a minguar a fome. Sua atividade física e sua atividade intelectual não conheciam fadiga.” (J. Capistrano de Abreu, Ensaios e Estudos)

Extrato da obra Carta ao Geral Diogo Lainez, de São Vicente, a 16 de abril de 1563

Falamos-lhe que o queríamos batizar para que sua alma não se perdesse, mas que por então não podíamos ensinar-lhe o que era necessário por falta de tempo, e que estivesse preparado para quando voltássemos. Folgou ele tanto com esta notícia, como vinda do Céu, e teve-a tanto em memória, que agora quando viemos e lhe perguntamos se queria ser Cristão, respondeu com muita alegria que sim, e que já desde então o estava esperando [...] O que se lhe imprimiu foi o mistério da Ressurreição, que ele repetia muitas vezes dizendo: “Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e subiu ao Céu, e depois há de vir, muito irado, a queimar todas as cousas” [...] Chegando à porta da igreja o assentamos em uma cadeira onde estavam já seus padrinhos com outros cristãos a esperá-lo. Aí lhe tornei a dizer que dissesse diante de todos o que queria; e ele respondeu com grande fervor que queria ser batizado,

e que toda aquela noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para queimar todo o mundo, e destruir todas as cousas, e de como havíamos de ressuscitar todos.